

Posfácio

Bruno Bahia

Como citar: BAHIA, Bruno. Posfácio. *In:* RODRIGUES, Augusto (org.). **Heranças político-filosóficas de ensinar e aprender filosofia:** do campo do ensino de filosofia à trajetória formativa na Unesp. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2024. p.229-231. DOI: <https://doi.org/10.36311/2024.978-65-5954-540-7.p229-231>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Posfácio

[...] se realmente participamos dos seus sofrimentos para que, da mesma maneira, participemos da sua glória. O sofrimento e a glória futura.
(Rm 08:17)

A epígrafe abre-alas desta obra, aqui posfaciada, tem continuação. E faz sentido também trazê-la neste momento.

A ideia primária de “herança” nos remonta um legado, muitas vezes, virtuoso que seus receptores aproveitarão com deleite. Pouco se diz das pedras no caminho. Não apenas suas presenças que, por óbvio, sabemos-las. Mas é preciso buscar o impacto que cada uma provoca naqueles que se lançam no ofício de ensinar e aprender filosofia.

Assim, Augusto Rodrigues lança uma luz nos meandros do Ensino de Filosofia enquanto campo – a luta travada pelas diversas gerações que se entrecruzam na construção de uma tradição existente que, por necessidade, é. Nossas raízes são axiais. E como já nos alastramos! Neste sentido, desvelam-se pesquisas nos mais diversos meios (construídos e ocupados por nós). Somos filósofos do ensino de filosofia. Nada fácil para a pesquisa, nem para a educação filosófica, nem tampouco para filosofia da educação e do ensino. A dimensão política de ensinar e aprender filosofia é essencial e subsiste em nossas práticas filo-pedagógicas.

O legado resgatado pelo autor nos convida a mergulhar no universo não universal dos primeiros trabalhos, dos primeiros colegas que se arvoraram neste ofício, dos primeiros encontros e movimentos que deram corpo às reflexões sobre as práticas de ensinar e aprender filosofia. É uma viagem cuidadosa que busca os fundamentos do fundamental, isto é, aquilo

<https://doi.org/10.36311/2024.978-65-5954-540-7.p229-231>

que encampa o campo. Uma primeira geração que inaugura pesquisas, cria metodologias e epistemologias para que professoras e professores futuros de filosofia possam não somente ser agentes da prática, mas também membros participantes da teoria.

O currículo vivo que gesta o ensino de filosofia precisa ser nutrido para que essa herança também seja orgânica e se espraie em novas ideias, em novos territórios, em novos pensamentos. Políticas que amplifiquem as vozes que precisam ser ouvidas.

Passeando por Sampa, para além das avenidas Ipiranga e São João, desvela-se todo o trabalho desenvolvido na UNESP e a importância do PIBID para que o jovem Augusto, assim como tantos outros, se formasse professor de filosofia. Refletir sobre seu ensino é lançar-se nos caminhos sofridos que muitas vezes percorremos.

Não nos esquecendo da epígrafe – ainda o sofrimento. Talvez eu o apelidaria de angústia (sem desprezo ou desmerecimento). As reflexões sobre a filosofia e seu ensino nos conduzem às primárias realizadas na formação inicial em que não temos como vislumbrar, por exemplo, qual conteúdo faz sentido naquele momento, naquele território, naqueles estudantes. Quais caminhos seguir para que essa filosofia possa ser pesquisada, ensinada e aprendida? Para que precisamos de tudo isso?! Ora, herdemos! E transformemos!

Por isso, *se filosofa educando e se educa filosofando*. Esse amálgama faz da joia algo único e deveras valiosa – é a única propriedade da nossa própria idade! É onde o pensamento se materializa na prática. É onde a prática nos conduz às reflexões. É onde as reflexões nos estimulam pesquisas. É onde pesquisas se realizam no pensamento.

A formação docente-filosófica de nossa geração não foi boa. Componentes curriculares que em nada contribuíam para a autonomia reflexiva da prática filosófica. Quantos de nós ainda estamos perdidos nos caminhos com nossas pedras? Os problemas filosóficos que se apresentam em cada espaço do livre pensar merece destaque, pois, a partir deles, em cada momento histórico, em cada remoto território, seres humanos livremente filosofavam.

O processo de ensinar e aprender filosofia é uma exortação para o reconhecimento dos problemas de cada espaço e de cada tempo para que haja a experimentação filosófica.

E, partindo das ideias trazidas por Augusto Rodrigues que aprendemos a lidar com aquilo que está exposto no versículo da epígrafe – assim como participamos do sofrimento também participaremos da glória futura. Ou seja, ser professor de filosofia não nos coloca em um *status quo* privilegiado, mas, ao contrário, é de uma aridez existencial que agrega um conjunto de mal-estar quase indissolúvel.

Mas quando o espetáculo se encerra, o cenário e o palco são desmontados, podemos nos deparar com a solução, fruto da desilusão. Desiludidos, filosofamos mais e melhor. Desiludidos, (nos) educamos mais e melhor. É a glória futura que, quando menos esperarmos, se apresentará e se instalará como uma possível filosofia de professoras e professores.

Seropédica/RJ, no inverno de 2024.

Bruno Bahia (UFRRJ)